

Em poucos segundos o garoto

SUMMIU

POR ANNE MULLENS

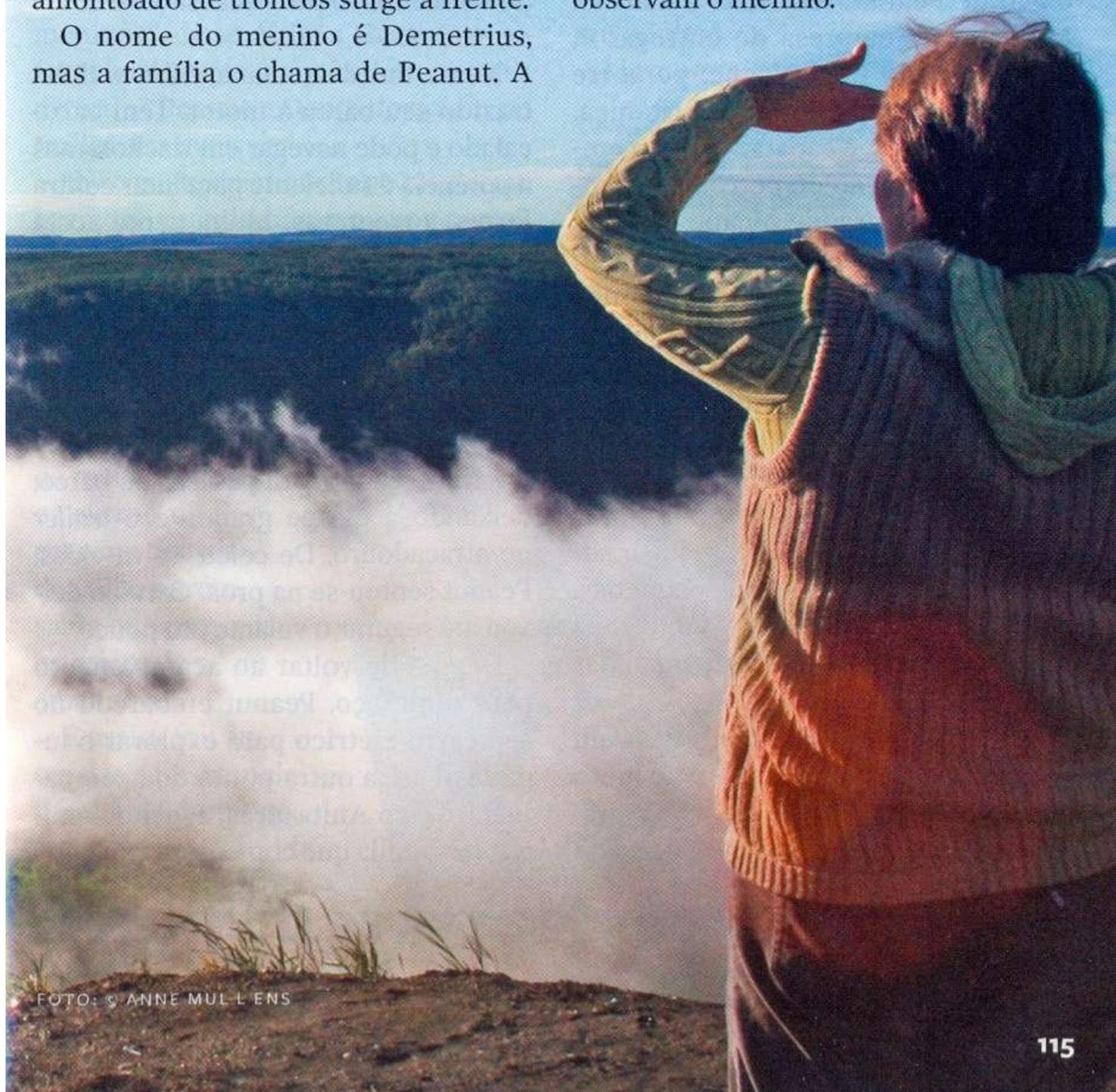
Anita Neudorf
procura Peanut,
o neto desaparecido,
ao longo do
Rio Peace.

Manhã de domingo, 12 de julho de 2009: um menininho de fraldas e com a parte de cima de um pijama verde flutua em silêncio rio abaixo. Equilibra-se precariamente no carrinho de brinquedo emborcado, agarrado ao fino eixo de metal entre as rodas. O menor deslocamento do peso e será jogado na água fria do caudaloso Rio Peace, no nordeste da Colúmbia Britânica, Canadá. Ele choraminga. Um amontoado de troncos surge à frente.

O nome do menino é Demetrius, mas a família o chama de Peanut. A

sua festa de aniversário está marcada para hoje à tarde. Ele vai fazer 3 anos. A mãe, o pai, o irmão mais novo, Dante, e os avós estão num acampamento na beira do rio, a uns cinco quilômetros dali. Só agora percebem que Peanut sumiu.

As margens do rio sobem íngremes. Em toda a volta, está a densa floresta boreal. Águias, veados, ursos, raposas, coiotes e alces são os únicos olhos que observam o menino.



A família Jones chegou ao Parque Peace Island, na sexta-feira. Mais de 20 amigos e parentes, entre eles uma das bisavós, tinham ido passar o fim de semana acampados, em parte para comemorar o aniversário de Peanut.

A família mora na vizinha Fort St. John. Há grandes picapes por toda parte. Peanut é o tipo de criança animada que nas brincadeiras imita o barulho do motor de carros.

Dirigir utilitários faz parte do negócio da família. Anita Neudorf, 44 anos e avó de Peanut, tem com o marido, Monty, uma empresa de entregas e, ao volante de uma picape, percorre todo o norte da Colúmbia Britânica. Monty, 44 anos, é capataz de uma empresa de extração de petróleo e também usa uma grande picape. Os pais de Peanut, Heather, 22 anos, e Joseph Jones, 25, trabalham para Anita, mãe de Joseph, no setor de entrega de documentos da empresa.

Entretanto, o brinquedo predileto de Peanut é elétrico: uma picape vermelha que a avó lhe deu de presente. Funciona a bateria – anda durante horas com uma única carga – e tem lugar suficiente para duas crianças pequenas. (Mas o irmão de Peanut – Dante, de 4 meses – é pequeno demais para andar com ele.)

O Parque Peace Island fica em Taylor Flats, uma vasta planície junto ao Rio Peace. O rio desce as Montanhas Rochosas e passa por Alberta no

ponto onde se une ao Rio Slave. A Autoestrada Alasca passa junto ao parque e cruza o rio numa ponte.

O acampamento para 60 barracas, onde estão Demetrius e a família, é do tamanho de pelo menos cinco campos de futebol, com salgueiros e arbustos por toda parte. Às vezes avistam-se ursos-negros. Há um parquinho para as crianças, com escorregas e balanços, um campinho e uma área para piqueniques. Um caminho de cascalho leva do local do acampamento até a rampa do atracadouro pela qual são baixados os barcos.

Nesse fim de semana, Monty tinha trazido seu barco a motor. Tem baixo calado e pode navegar em riachos, mas a potência é suficiente para lutar contra fortes correntezas. Muita gente gosta de passear de barco no Rio Peace. Havia umas 200 pessoas no acampamento, e a família de Peanut conhecia várias delas.

Na manhã de sábado, Anita e Monty levaram Peanut para passear de barco, deixando a picape grande e o *trailer* no atracadouro. De colete salva-vidas, Peanut sentou-se na proa. O avô o deixou até segurar o volante um pouco.

Depois de voltar ao acampamento para o almoço, Peanut embarcou no seu carro elétrico para explorar o lugar. Foi até a outra ponta do acampamento, com Anita atrás, e visitou amigos da família que comemoravam o 25º

Dirigir picapes faz parte do negócio Peanut, com seu carro, ia pelo mesmo

aniversário de casamento. Peanut não levou a picape até perto do rio.

Na hora de ir embora, a bateria estava tão fraca que Anita achou que o carrinho não chegaria até o *trailer*. Joseph o colocou na sua picape e todos voltaram ao lugar onde estavam acampados.

Anita decidiu então não recarregar o brinquedo – achou que, sem carga, seria mais fácil ficar de olho no neto no dia seguinte, durante a festa de aniversário.

Naquela noite, a família se reuniu em torno da fogueira. “Vou ver os meninos”, disse Anita a Heather e Joseph. “Quanto a vocês dois, vão se divertir.” Peanut e Dante dormiam no *trailer* dos avós.

“Não gosto de crianças pequenas em barracas quando há ursos por perto”, disse Anita. Ela pôs os meninos para dormir por volta das nove da noite e voltou à reunião junto à fogueira.

Quando foi se deitar, por volta da meia-noite, os outros ainda estavam acordados. Ela, porém, sabia que os netos estariam de pé ao amanhecer.

E assim foi: antes das seis daquela manhã de domingo, Anita trocou a fralda

de Dante, deu-lhe a mamadeira e o deixou deitado com o avô na grande cama de casal. Preparou um lanche para Peanut e pôs no DVD o seu filme predileto: *Carros*.

Anita sabia, pela experiência de cuidar dos meninos, que Peanut passaria duas horas entretido, assistindo ao filme. Então, deitou-se e cochilou, achando que, quando o filme terminasse, Peanut a acordaria, como ele e os outros netos sempre faziam em casa quando queriam sair; Peanut sabia que não podia sair sozinho sem um adulto.

Mas, em algum momento antes do **Demetrius (“Peanut”) Jones** leva sua prima de 2 anos, **Ariyanna**, para passear em sua picape elétrica vermelha.



**la família;
aminho.**

fim do filme, perto das sete e meia da manhã, Peanut abriu o ferrolho da porta, mais alto do que sua cabeça, e, como aprendera a não bater a porta do *trailer*, saiu sem fazer barulho.

Por volta das oito e meia, na barraca ao lado, Heather acordou e foi até o *trailer* para usar o banheiro. Viu o desenho passando, Dante dormindo na cama e Anita cochilando ao lado. Nem Peanut nem Monty estavam ali. Heather supôs que o menino tinha saído com o avô, mas, ao deixar o *trailer*, viu Monty caminhando sozinho.

- Oi, Monty. Cadê o Peanut?

- Achei que estava com você - respondeu o sogro. - Não está?

O primeiro golpe de medo atingiu Heather. Ela olhou ao redor do *trailer* e depois lá dentro. Monty entrou correndo. Sacudiu Anita para acordá-la. "Peanut sumiu!", disse. A

calça do pijama do menino estava no chão. As botinhas de borracha tinham desaparecido, assim como a picape vermelha.

Anita se vestiu às pressas e calçou o primeiro sapato que encontrou: os tamancos plásticos do marido.

O acampamento estava em silêncio. Ninguém acordara ainda. Os únicos sons vinham dos pássaros e do trânsito na estrada.

Heather, Monty e Anita acordaram Joseph. Com uma das tias tomando conta de Dante, dividiram-se para procurar Peanut.

Heather e Joseph pularam na picape e percorreram os caminhos do acampamento. Monty correu até a rampa dos barcos. Mas não havia sinal do neto. Anita achou que o menino pudesse ter voltado a algum dos lugares que tinham visitado na véspera. Foi até o parquinho: vazio. Refez freneticamente todos os caminhos percorridos.

Viu um casal sentado em cadeiras de praia tomando café.

- Há quanto tempo estão acordados? - perguntou.

- Desde as seis e meia - foi a resposta.



O pequeno Peanut com seus avós orgulhosos Monty e Anita Neudorf.

- Viram um menininho louro num carrinho elétrico?

- O garotinho que apareceu por aqui ontem?

- Esse mesmo!

- Não, desculpe. Se ele tivesse passado por aqui, teríamos reparado.

Anita mal conseguia respirar. Achou que Peanut devia ter ido até o rio.

Se caiu, pensou, não teria como sobreviver. A água é tão fria, a correnteza tão forte, e ele tão pequeno... Se adultos nem sempre sobrevivem nesse rio, quanto mais Peanut, que mal sabe nadar! E só está com a fralda e a parte de cima do pijama. Deve ter morrido. Começou a chorar, descontrolada. Terei de enterrar meu neto no dia da festa do seu aniversário... E a culpa foi minha!

"Precisamos de ajuda", conseguiu dizer. Então, todos começaram a bater às portas dos trailers, acordando as pessoas. Logo, parecia que o acampamento inteiro participava da busca.

Vinte minutos depois de perceberem que Peanut desaparecera, Anita ligou para o número da emergência.

Às 8h55, foi atendida pelo policial Greg Nardi, da Polícia Montada do Canadá. Na maioria desses casos, quando a polícia chega, a criança desaparecida já foi encontrada. Mas, quando chegaram ao parque, Nardi e sua equipe souberam que já fazia duas horas que a criança sumira.

Nardi chamou mais três policiais, um deles com um cão de busca. Teria o menino sido sequestrado? Entrara no carro de alguém e adormecera? Nas duas hipóteses, como a Autoestrada Alasca passava ali perto, alguém de

carro poderia se afastar velozmente. Nardi deixou um policial na saída do acampamento para revistar todos os carros que partissem.

Também seria possível que Peanut tivesse ido até a estrada no seu carrinho elétrico. Então Joseph foi até lá, e Anita seguiu na direção contrária, cruzando a ponte.

Monty pôs o barco na água e, com o irmão de Anita, começou a procurar rio abaixo. Os dois examinaram as margens e os redemoinhos. Depois, querendo estar presentes para ajudar a Polícia Montada no que fosse possível, voltaram ao atracadouro.

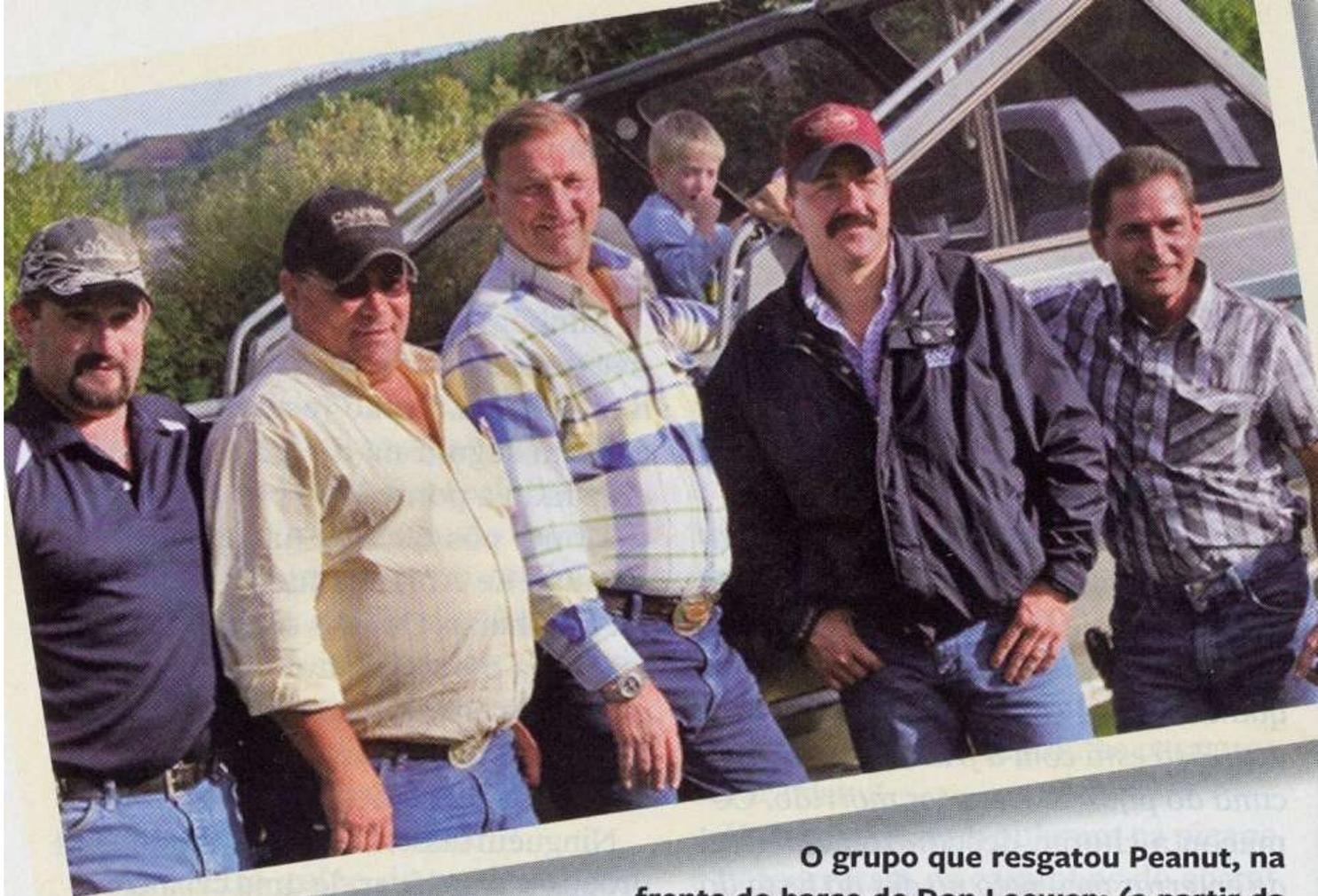
Ninguém disse, mas todos supunham procurar o cadáver de uma criança...

Os pais de Peanut estavam em choque: Heather, paralisada de desespero, segurava no colo Dante, que chorava. Joseph sentia uma dor profunda no peito, como se tivesse levado um tiro.

Naquele fim de semana, Don Loewen, dono de uma construtora, também acampava no parque. Além do barco de Monty, o de Loewen era o único que havia no acampamento naquela manhã. Assim, enquanto os outros procuravam em terra, Loewen e quatro amigos se lançaram nas águas.

Loewen, pai de três filhos, estava ao leme. Os outros ocupavam os cantos da embarcação quadrangular, dois olhando à frente, dois atrás, tentando avistar o menininho.

O nível do rio era o mais alto que tinham visto em toda a temporada. Chuvas recentes haviam deixado a água turva e lamacenta, cheia de sedimen-



O grupo que resgatou Peanut, na frente do barco de Don Loewen: (a partir da esquerda) Doug Marquardt, Wayne Hotte, Loewen, Dwayne Paulovich e Darrin Paynter; (no fundo) Peanut no volante.

tos. Os galhos das árvores mais baixas mergulhavam na água.

Loewen e os amigos chegaram a uma obstrução de troncos e a contornaram duas ou três vezes. Nada.

Naquele ponto, o rio fazia uma curva para a direita. O capim da margem estava alto. Teria Peanut conseguido chegar tão longe? Deveriam voltar?

Haviam se afastado mais de dez quilômetros rio abaixo. Seguiram em frente. Wayne Hotte, supervisor de uma madeireira, estava na popa do barco. Já a uns 12 quilômetros do acampamento, numa curva do rio, Hotte avistou algo num redemoinho.

“Aquilo lá é uma águia?”, perguntou. Loewen levou o barco até mais perto. Não, aquela “coisa” não eram as penas brancas da cabeça de uma águia. Era

o cabelo louro de uma criança. Estava de joelhos na picape elétrica emborcada, agarrado ao eixo e tremendo enquanto a água o banhava.

“Fique aí! Não se mexa!”, disse Loewen. “Já estou indo! Não se mexa!”

Ele sabia que bastaria uma leve marola para jogar Peanut na água. Aproximaram-se com o mínimo de velocidade possível e pararam a uns 20 metros do menino.

Doug Marquardt, vice-presidente de uma empresa de transporte de petróleo, pegou o leme enquanto Loewen, usando uma jaqueta inflável, pulou no rio. A água gelada o fez perder o fôlego. Os olhos de Peanut estavam fixos no rosto de Loewen. Era como se o menino soubesse que não devia mover um músculo. Naquele ponto, o rio

Peanut estava num barco voltando para o acampamento. Estaria vivo?

tinha pelo menos três metros de profundidade. Enquanto seguia até o carrinho, ele sabia que, quando agarrasse Peanut, teria de nadar e ao mesmo tempo segurar o garoto nos braços. Era óbvio que não conseguiria. Em vez disso, firmou o carro enquanto os amigos aproximavam o barco.

Peanut choramingava, mas seus olhos nunca se afastavam de Loewen. Os outros homens chegaram e agarraram o garoto, puxando-o para bordo.

- Cadê o meu carro? - gritou Peanut. Foram as únicas palavras que disse.

- Não podemos voltar sem o carrinho - disse um dos homens. O brinquedo estava cheio de água, mas eles içaram-no para bordo.

Marquardt e outro colega, Dwayne Paulovich, tiraram a camisa para enxugar Peanut, que tremia. Enrolaram-no em jaquetas salva-vidas e o abraçaram para aquecê-lo. Loewen, de volta ao leme, disparou rio acima.

Hotte pegou o celular e ligou para um amigo no acampamento. "Diga que o encontramos!", berrou acima do barulho do motor. "Ele está bem", continuou; mas essa segunda parte da mensagem nunca chegou ao destinatário...

No acampamento, o amigo de Hotte informou um agente da Polícia Montada, que deu a notícia pelo rádio. "A criança foi encontrada", ouviu Nardi enquanto percorria a autoestrada.

Heather viu os carros da Polícia Montada correrem para a rampa.

- O que está acontecendo?

- Seu filho foi encontrado - disse o policial com o cachorro. - Estão trazendo o menino de volta.

- Está vivo?

- Não sabemos - disse ele.

Joseph sentiu as pernas ficarem bambas. Caiu no chão. Heather gritou e desmaiou. Anita sabia que teria de estar no atracadouro quando o neto chegasse.

O barco de Loewen se aproximou da rampa. Quando atracou, Loewen e seu grupo estavam de pé, dois deles sem camisa. Hotte segurava o caminhão vermelho de Peanut na popa do barco.

Anita não conseguiu ver o neto em lugar algum. Sentiu vontade de vomitar. Então, um dos homens mudou levemente de posição.

Aquela era a cabeça loura de Peanut? Estaria ele no colo de um dos homens?

Peanut batia o queixo de frio, mas estava sorrindo.

No hospital, com os pais e os avós à cabeceira, Peanut foi aquecido, tratado e teve alta em duas horas. A festa de aniversário aconteceu naquela tarde, no acampamento. Muita gente que ajudara a procurá-lo compareceu.

Hoje, às vezes ele ainda pergunta:

- Carros andam na água, mamãe?

- Não, Demetrius, de jeito algum! ■